

A Família Dienstmann

Boletim Informativo de distribuição gratuita entre os descendentes dos Imigrantes
Johann Jacob Dienstmann e Maria Eva Mayer

Redação e expediente: Rua Cel. Travassos, 490 - Novo Hamburgo - RS - CEP 93415-000
Descendentes responsáveis: Adriano A. Dienstmann (0XX51 587.2626) e Roberto Dienstmann (0XX51 587.2887)

JORNAL ABC DOMINGO DESTACA EMPENHO DE FAMILIARES DIENSTMANN NO RESGATE DE SUA HISTÓRIA

caderno gente & cidades realça o trabalho desenvolvido pela **Família Dienstmann** para descobrir sua origem e preservar os valores que compõem sua história

Em atraente matéria de duas páginas inteiras (reproduções abaixo) a repórter Adreane Becker, do Grupo Editorial Sinos (sede em Novo Hamburgo), esbanjou competência ao mostrar para seus leitores como a **Família Dienstmann** faz para obter fotos, documentos e histórias que contam sua trajetória no Brasil. A reportagem também aborda os meios de comunicação de que dispõem os descendentes para se atualizar acerca das novidades.

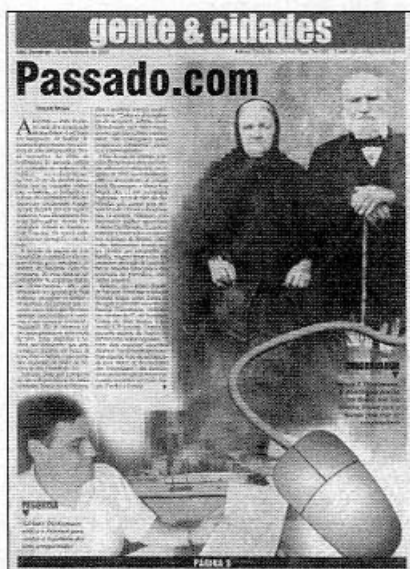
Nesse passo, ela dá destaque à nossa página na Internet, que está disponível desde set/2000 (com a versão em alemão desde fev/2001), e ao Boletim Informativo, que já circula desde ago/1997.

Percebe-se também um claro objetivo da matéria ao promover inteligente simbiose entre o antigo e o moderno vinculando habilmente imagens antigas e atuais. Muito sugestivo também é o título dado ao trabalho - Passado.com - já que traz o antigo (passado) para o presente (através da Internet - .com). A matéria pode ser lida na íntegra na nossa página na Internet.

Este reconhecimento da imprensa, verdadeiro e autêntico, é mérito de todos que colaboraram na pesquisa dos dados genealógicos, na coleta de fotos e documentos ou enviando matérias para publicar no Boletim, assim como na construção da página na Internet. E também é mais uma prova de que estamos no caminho certo.

Contudo, também deve ser dito que é uma missão que não pára aí: todos nós descendentes devemos nos empenhar mais e mais em preservar fotos, documentos, registros, objetos, móveis e até, quando possível, os próprios imóveis onde moravam ou trabalhavam nossos antepassados.

Nossos agradecimentos ao Grupo Editorial Sinos e à repórter Adreane Becker. Também somos gratos àqueles familiares que manifestaram seu apoio - pessoalmente, por telefone ou via e-mail - reconhecendo a importância do nosso trabalho no resgate da história e cultura da família.



Johann Jacob Dienstmann
*15/jul/1825 +30/abr/1901



ACESSE NOSSA PÁGINA NA INTERNET: <http://www.dienstmann.rg3.net>
CONFIRA AS NOVIDADES DA NOVA VERSÃO COM UM VISUAL GRÁFICO RENOVADO

CRAQUES DO BOLÃO NA DÉCADA DE 50

por Elty Clair Koch Blauth, Porto Alegre

Pois na já longínqua década de 1950, dois dos filhos de Amália (Dienstmann) e Conrado Albino Koch reinavam quase absolutos no mundo de um dos esportes mais difundidos na colônia alemã: o bolão. Eram respeitados e festejados entre seus pares. Defendiam com extrema dedicação uma das mais conhecidas agremiações da época (que existe ainda hoje, já tendo completado 50 anos), o Grupo de Bolão SOS, da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo. Esses dois descendentes eram considerados os "ronaldinhos" do bolão da época. Seus companheiros de "hobby" lembram com saudades quando, no auge das competições entre os diversos "grupos" (que às vezes pertenciam ao mesmo clube social) e na emoção das disputas "pino a pino", os dois irmãos eram chamados para defender seu time nas bolas finais.

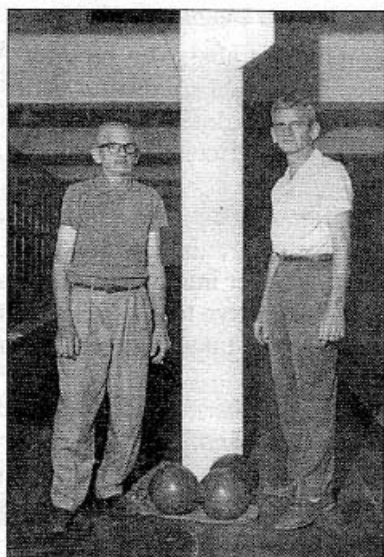
Foram inúmeros os campeonatos intermunicipais quando se enfrentavam, entre outros, a SOGIPA, o União e o Gondoleiros, todos de Porto Alegre, com os clubes de outras cidades do Rio Grande do Sul, como São Leopoldo, Estância Velha, Dois Irmãos, Campo Bom e Caxias do Sul.

O bolão era um esporte de muita importância naquela época pela integração que proporcionava entre os participantes, sendo que quase todos os clubes das cidades tinham ao menos um grupo. Era questão de honra cada grupo ter um armário envidraçado em que eram expostos os troféus conquistados. No alto desse móvel, de forma destacada, era inscrito o nome do grupo e a data de sua fundação.

Os campeonatos eram sempre muito disputados e os melhores jogadores muito festejados.

Novo Hamburgo era uma das cidades mais importantes nesse esporte onde existiam - e ainda existem hoje - vários grupos de bolão. Os da Sociedade Ginástica eram denominados SOS, Rio Branco, Mula Manca, Floriano, além de outros. E ainda havia os da Sociedade Fraternal e da Sociedade Aliança, de Hamburgo Velho.

Ao tempo em que residia em Estância Velha, o Enno (na foto o mais baixo, de cigarro na mão) defendia as cores da Sociedade de Canto União daquela cidade e o Ewaldo o fazia pela Sociedade Canto União de Estação Portão. Quando foram morar em Novo Hamburgo reforçaram, juntos, o time do SOS, da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, onde mais uma vez se destacaram. Muitos dos atuais praticantes lembram-se bem deles. Até por que suas fotos passaram a integrar o painel dos esportistas daquele popular clube social.



VAMOS À ALEMANHA?

Estamos pensando em reunir descendentes e familiares que tenham interesse em viajar à Europa no próximo ano. A idéia é formar um grupo com 20 a 30 integrantes que siga um roteiro específico de quinze dias com acompanhamento de guia exclusivo. O passeio incluiria uma verdadeira volta às origens inclusive, é claro, para conhecer Bacharach.

Um contato inicial com a Agência de Viagens Socaltur, de Novo Hamburgo, resultou numa avaliação de custo (aproximado, pois depende da definição do roteiro) em torno de US\$ 3.000 por pessoa.

O objetivo de planejar uma viagem a longo prazo (para 2002) é a possibilidade de fazer o pagamento de forma programada uma vez que os dólares podem ser adquiridos em prestações mensais ao longo de um ano ou mais.

Pedimos aos interessados que nos liguem. Só assim poderemos avaliar a real possibilidade de sucesso da idéia proposta.

ARQUIVO DE IMAGEM E SOM

A fim de montar um arquivo de imagem e som da família as entrevistas com descendentes para a página 4 do nosso Boletim serão, a partir de agora, gravadas em vídeo. A idéia é registrar tanto a imagem do entrevistado quanto a sua fala. Isto é, além de transcrever para o Boletim o que foi perguntado e respondido por ocasião da entrevista todos os descendentes terão acesso ao conteúdo da fita.

De igual modo, esse material ficará à disposição dos participantes de futuros encontros de família. E o seu conteúdo terá ainda mais importância à medida que o tempo passa. Será, na verdade, um investimento para o futuro: em 20, 30, 50 anos nossos descendentes poderão ver e ouvir as histórias, os fatos pitorescos e até o sotaque dos que vivem hoje.

Quem tiver interesse em fazer o mesmo com seus parentes mais próximos pode manter contato para saber sobre como seguir um certo padrão na hora da gravação (ligue para Roberto - (51) 587.2887).

Nascimentos:

Ana Carolina Thomaz, no dia 27/dez/00, Novo Hamburgo, filha de Ricardo e Adriana Thomaz.

Batismo:

Mirna Allet Dienstmann: dia 11/mar/01, na Igreja Evangélica (do Relógio), de São Leopoldo.

Formaturas:

Márcia Dienstmann: Jornalismo, na PUC, em 14/jan/01.

Elisa Cristina Ferronato: Psicologia, na PUC, 14/jan/01.

Bodas de Rubi:

Ivone (Sander) e Rubem Brusius: em 21/jan/01, Igrejinha.

Vestibular:

Gustavo Henrique Dienstmann: Adm. Empr., Unisinos. Rodrigo Scalon: Turismo, Feevale.

Cezar Augusto Dienstmann: Public. e Propag., Unisinos.

Eduardo Dienstmann: Arquitetura e Urbanismo, Unisinos.

João Paulo Hartmann: Ciências Econômicas, UFRGS.

Falecimentos:

Raimundo Dienstmann: no dia 28/fev/00, aos 74 anos.

Guilherme Erich Koch: no dia 01/mai/99. Era casado com Martha Clara Schulz e teve uma filha, Nílvia Rejane.

DIPLOMATA NA CASA DIENSTMANN



No dia 28/jan/2001 estiveram visitando a Casa Dienstmann o Sr. Cesario Melantonio Neto e sua esposa Ilona Träger, alemã da Bavária (casal no centro da foto). Ele é Ministro-chefe da Assessoria de Relações Federativas do Ministério das Relações Exteriores, com sede em Brasília, e se intitula, numa designação menos formal, Embaixador das Etnias.

Em viagem pelo sul do país quiseram visitar a cidade de Dois Irmãos e ver *in loco* como está o nível de preservação da cultura, das tradições e dos costumes dos descendentes de imigrantes alemães.

SOC. CANTO UNIÃO -
ESTÂNCIA VELHA

Muito prestigiada a posse da nova diretoria da Sociedade de Canto União, em Estância Velha, no dia 18/jan/2001. À frente do grupo que vai dirigir a entidade está, como presidente, o descendente Otto Teófilo Koch, que aparece com a esposa Ilga na foto ao lado.



A PÁSCOA DA MINHA INFÂNCIA

por Elizabeth H Schrott, Estância Velha

A minha casa
Lá por abril
Tinha cheiro de chocolate.
O entardecer
Fazia o céu avermelhado
E mamãe contava histórias
Do coelho atarefado.
E havia a noite de fazer os ninhos
E de pintar os ovinhos
Com papel crepom colorido e aquarelas.
Muitos risos, muitas histórias
Ah! Era outra noite daquelas!
No jardim os ninhos escondidos
Guardavam delícias desse tempo sem malícias.
Ah! Que alegria comovente
A quase arrebentar o peito da gente!

Com esse poema da Elizabeth, o Boletim da Família Dienstmann deseja a todos os descendentes uma feliz e venturosa Páscoa, com muita Saúde e Paz.

JOÃO DIENSTMANN E FAMILIARES



Na foto acima aparecem João Dienstmann (de chapéu), 88 anos, juntamente com seus familiares. Ele mora no distrito de Rio da Ilha, Taquara-RS, e é filho de Balduino Dienstmann e Maria Pacheco de Moraes. Linda família a do vovô João.

CONFIRMAÇÃO EM SANTA CRUZ



Uma bela foto registrando um belo momento. A partir da esquerda: Ary Koch, Dirce Koch Cassel, Elty Clair Koch Blauth, Nilvia Rejane Koch (anfitriã), Rafael Koch Denardi (confirmando), Cely Koch, Ileni Wilke (Estância Velha) e Carmem Angelo (Parobé). Todos foram prestigiar a confirmação do Rafael no dia 03/dez/00, em Santa Cruz do Sul.

DOAÇÕES PARA O BOLETIM

No período de a 25/nov/00 a 09/mar/01 identificamos os seguintes doadores para custear o nosso Boletim: Edith Streb, Nílvia Rejane Koch e Sonia Dienstmann Werkhausen. Registramos também uma substancial doação anônima. Agradecemos a esses doadores.

Saldo anterior - 24/nov/00	R\$ 611,30
(-) Tarifas bancárias	R\$ 16,41
(-) Custo do Boletim nº 14	R\$ 405,05
(-) Tradução página Internet para o alemão	R\$ 50,00
(+) Doações no período	R\$ 470,00
Saldo em 09/mar/01	R\$ 609,84

Gostaríamos de observar que o saldo disponível só será suficiente para cobrir este Boletim (de nº 15). Conclamamos, portanto, os descendentes para que, se de fato consideram importante a existência do nosso Boletim Informativo, que tomem a iniciativa de um gesto de desprendimento e façam um depósito de qualquer importância na conta nº 1031.6, agência 2987.4, do Banco do Brasil.

ENTREVISTA

Com Adelar Vicente Schilling, 35 anos, residente em Estância Velha-RS

Conte-nos sobre tua origem, tua família ...

Sou natural de Humaitá-RS, onde nasci em 07/mar/66. Meus pais são Werno Egon e Enilda (Schuster) Schilling, que moram atualmente em Ivoti. Tenho duas irmãs que se chamam Neusa Salete e Neiva Mirlei. A minha descendência Dienstmann vem da avó paterna Rosa Dienstmann que casou-se com meu avô Wilibaldo Arthur Schilling.

Qual é tua atividade profissional hoje?

Hoje infelizmente sou aposentado por invalidez (paraplegia) e também trabalho com artesanato em madeira.

Antes de sofrer o acidente qual era tua profissão?

Por quase seis anos, a partir de 1981, fui trabalhador do ramo calçadista, em Ivoti. Lá fui também um dos fundadores do Sindicato dos Sapateiros, em 1986, e do Sindicato dos Curtidores, em 1987. Mas, por causa da minha condição de líder sindical, acabei sendo demitido. Transferi-me, então, para Estância Velha, onde passei a trabalhar com vendas no ramo alimentício (massas para pastel). Desempenhei essa atividade com muito esforço e dedicação por quase 10 anos, até o fatídico dia 21/ago/1998, o dia do acidente.

Que tipo de acidente aconteceu contigo?

Tropecei no alto de uma escada externa de um sobrado, apoiei-me no corrimão que não resistiu ao meu peso e caí em pé no chão. Na queda houve fratura da oitava vértebra o que acabou provocando danos muito sérios na medula. Hoje sou paraplégico (paralisia dos membros inferiores) e só posso andar em cadeira de rodas.

O que te passou pela cabeça nos primeiros tempos depois da queda?

Nos primeiros meses senti muita dor física. Qualquer movimento provocava uma dor insuportável. Mas o pior de todas as certezas era a de que eu não estava tendo um pesadelo. Era a mais pura e triste realidade que estava acontecendo comigo. No começo eu não queria aceitar a situação. Eu sempre fui muito ativo, não tinha parada, tinha que estar fazendo alguma coisa sempre. Tudo eu fazia com pressa e sempre exigia que os outros ao redor acompanhassem meu ritmo.

E a família nesses momentos difíceis?

Não dá para medir o bem que faz a ajuda solidária dos amigos e familiares. Agradeço muito a Deus por ter conseguido dar a volta por cima, principalmente no plano psicológico. Além disso, tive na minha esposa, Cristiana Mathias (24 anos), uma compreensão e um apoio intermináveis. Sei que minha filha Luana Carolina (6 anos) também sofreu muito por mim.

Que lição de vida tu achas que pode ser extraída desse episódio?

Hoje estou convencido de que a maioria das pessoas é feliz e não sabe. Muitos reclamam de coisas banais e não se dão conta de que a saúde física e a paz de espírito são tudo para uma pessoa. Eu, por exemplo, reconheço que não dava a devida atenção à família. Não que eu tivesse sido egoísta,

desleixado ou ausente. Eu acho, hoje, que não vale a pena sermos muito detalhistas ou perfeccionistas ou, então, exigir muito dos outros. Penso que devemos ser mais naturais, no sentido da simplicidade do modo de ser, e também ajudar os mais necessitados. Aliás, hoje eu sei muito bem o que é ser um necessitado e depender dos outros para quase tudo.

Que mudanças ocorreram no teu dia a dia, em casa por exemplo?

Tive que modificar muita coisa em casa, e ainda hoje estou mudando: a largura das portas para a passagem da cadeira de rodas, o banheiro, a cama. Também tive que eliminar todos os degraus e construir uma rampa de acesso desde a rua até dentro de casa. São mudanças estruturais que custam caro. Tudo isso alterou profundamente meu modo de vida e de minha família.

Ficou alguma mágoa ou alguma espécie de ressentimento pelo ocorrido?

Não. Não procuro culpados ou explicações. Procuro me conformar e me adaptar à minha nova condição. Fiquei sabendo, por exemplo, que na região de Novo Hamburgo somos cerca de 6.000 deficientes físicos e mais ou menos 2.000 se locomovem em cadeiras de rodas. Onde estão eles? Nós os vemos nas ruas, nas lojas, nos bancos? Na verdade, hoje eu também me dou conta, por necessidade pessoal,

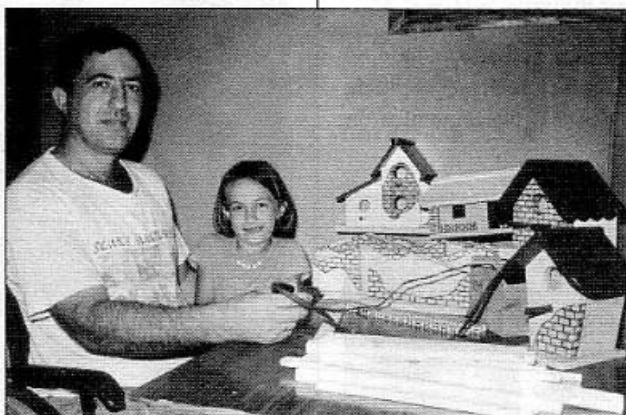
de que nas cidades pouco é feito para melhorar a qualidade de vida dos deficientes. A começar pelos ônibus: nenhum deles é adaptado. Por isso, essa parcela da população na sua grande maioria acaba ficando em casa.

Qual é a ocupação econômica ou profissional que um deficiente físico pode desempenhar?

Veja o meu caso. Faço peças de madeira em casa, como porta-chaves, casinhas de passarinho e porta-guardanapos, por dois motivos básicos: reforça a minha renda que ficou muito prejudicada (minha esposa foi trabalhar fora de casa por esse motivo) e ajuda no meu equilíbrio psicológico já que procuro sempre fixar metas a serem alcançadas (certa quantidade a ser feita, certo prazo a ser cumprido etc).

E a questão do emprego formal para o deficiente?

Sobre essa questão eu gostaria de aproveitar a oportunidade para fazer um apelo. É incrível como as portas se fecham quando se tem um problema como o meu. Muita conversa e muitas promessas, mas de concreto nada. Eu entendo que não posso ser um empregado como uma pessoa normal. Mas tenho certeza que possuo qualificações, como outros deficientes também têm. Podemos ser úteis em vários tipos de tarefas nas empresas. Apelo para que olhem um pouco mais pelos deficientes: dêem-lhes oportunidades reais; mas não com olhos de pena ou compaixão.



Contatos com o Adelar: telefone (51) 561.0598.